

### 3. O Declínio do Capitalismo desde a década de 1970

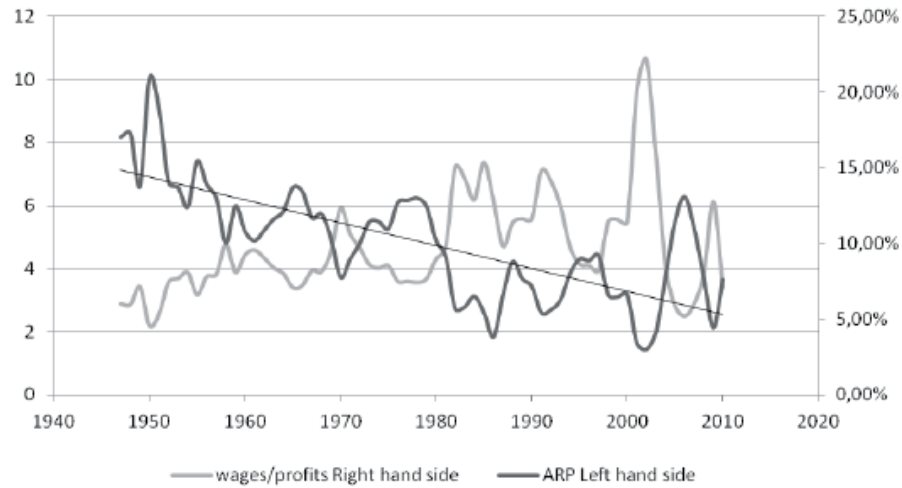
A constante crescente monopolização e o impulso dos monopólios para aumentar seus lucros só podem ser entendidos no contexto da tendência dos capitalismo à estagnação e ao declínio. Na concepção de Lênin do capitalismo na época do imperialismo, há uma tensão constante entre o desenvolvimento das forças produtivas e a tendência ao declínio. Como Lenin disse, o imperialismo é "*capitalismo parasita ou decadente*."

É claro que essa tendência à estagnação e ao declínio não deve ser entendida como um processo gradual e unidirecional. É sim um processo dialético, uma vez que a economia capitalista prossegue nos ciclos econômicos. Além disso, até mesmo a época do imperialismo conhece fases mais longas de ascensão. Mas, em todo e em *longo prazo*, o capitalismo está em declínio e a taxa média de lucro tende a cair – fato que também se torna evidente se olharmos para o desenvolvimento do capitalismo mundial no último meio século. Uma vez que lidamos com essas questões em outros documentos, apresentaremos apenas algumas estatísticas resumidas para dar aos nossos leitores uma visão geral. 1

O economista marxista Guglielmo Carchedi, entre outros, demonstrou em uma série de trabalhos a validade da teoria marxista de que a taxa média de lucro tem a tendência histórica de queda e é a causa básica para o declínio do capitalismo. A Figura 5 mostra o declínio a longo prazo da taxa de lucro no setor produtivo dos EUA.

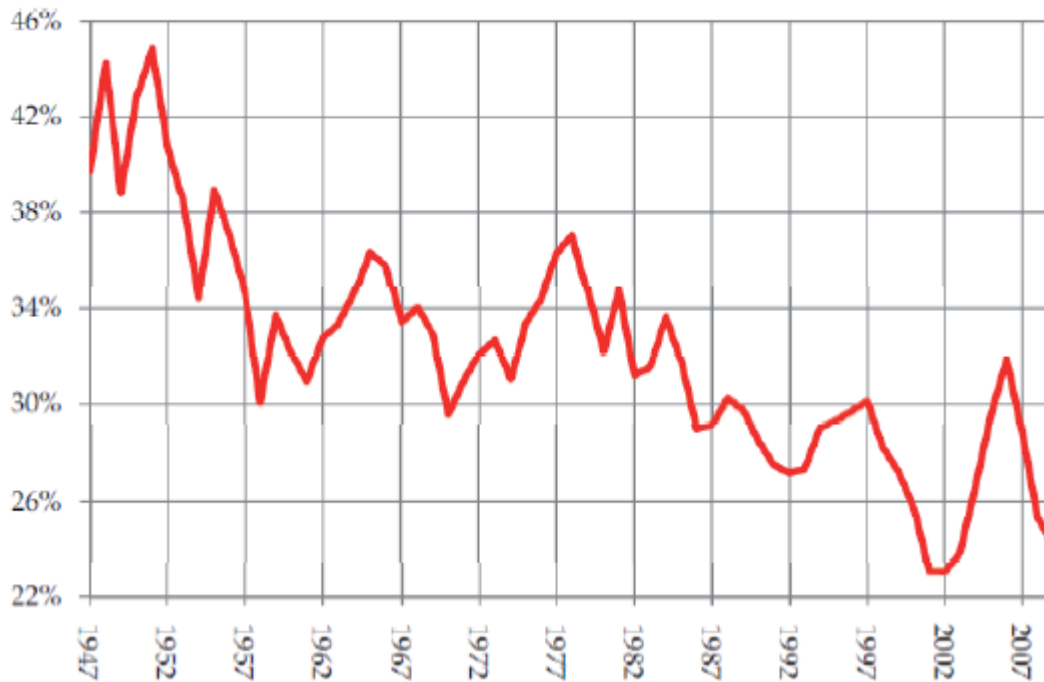
**Figura 5 (ver arquivo PDF): Taxa Média de Lucro (TML) nos Setores Produtivos dos EUA, 1948-2010 2**

**Figure 5: Average Rate of Profit (ARP) in the US Productive Sectors, 1948-2010 <sup>66</sup>**



Uma análise semelhante que mostra que a tendência da taxa de lucro a cair é a profunda causa do declínio do capitalismo, é fornecida por Andrew Kliman, outro economista marxista. (Ver Figura 6)

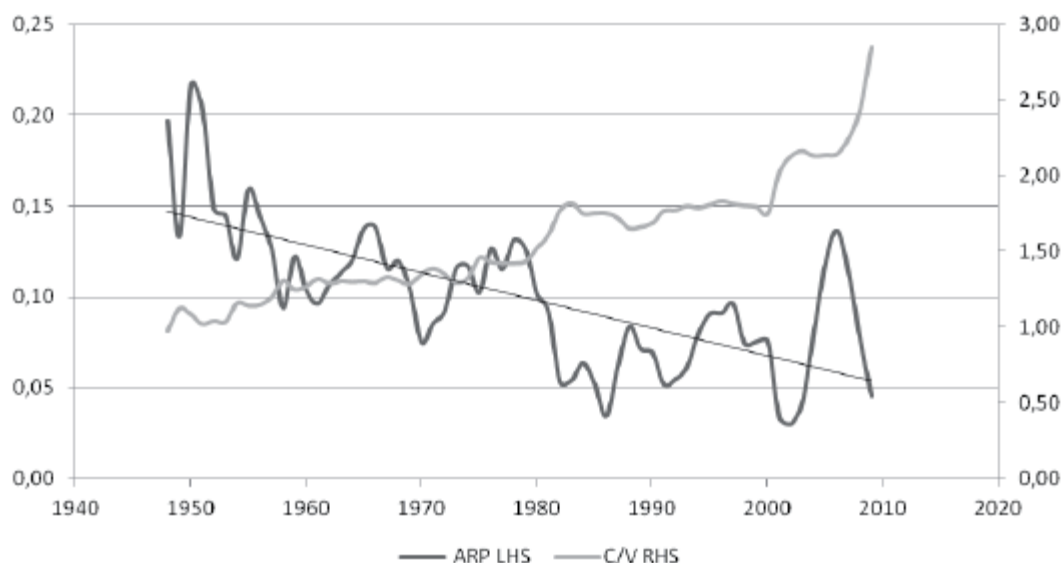
**Figura 6 : Taxa de Lucro das Corporações dos EUA, 1947-2009 <sup>3</sup>**

**Figure 6: Rate of Profit of US Corporations, 1947-2009** <sup>69</sup>

Na próxima Figura 7, que tiramos de outra obra de Carchedi, podemos ver o aumento da composição orgânica do capital, ou seja, a participação do capital variável (mão-de-obra) – que é a única fonte de novo valor excedente – do capital total está historicamente em declínio enquanto a participação do capital constante (máquinas, matérias-primas, infraestrutura etc.) – que não cria nenhum novo valor – do capital total está historicamente subindo. Esta é a principal razão para a tendência da taxa média de lucro cair.

**Figura 7 : Taxa Média de Lucro (ARP) e Composição Orgânica (C/V) nos Setores Produtivos dos EUA, 1948-2009** <sup>4</sup>

**Figure 7: Average Rate of Profit (ARP) and Organic Composition (C/V) in the US Productive Sectors, 1948-2009** <sup>70</sup>



Andrew Kliman também enfatiza em seu recente livro *The Failure Of Capitalist Production (O fracasso da produção capitalista)* que o declínio da taxa de lucro nos EUA desde a Segunda Guerra Mundial deveu-se principalmente à crescente composição orgânica do capital: "Quase todo o declínio da taxa de lucro durante o período de 60 anos, 89%, pode, portanto, ser atribuído ao aumento na composição de valor do capital" <sup>5</sup>

Como resultado, podemos ver a dinâmica em declínio da economia mundial capitalista e o aguçamento de suas contradições em vários níveis. Se pegarmos o indicador mais amplo e mais utilizado pelos economistas burgueses – o Produto Interno Bruto (PIB) – já podemos ver a dinâmica mundial em declínio (apesar das muitas imprecisões dessa categoria burguesa que inclui não só a produção, mas também o setor parasitário ou não produtivo da economia). Na Tabela 2 podemos ver a dinâmica de declínio do PIB, de uma média anual de +3,8% na década de 1970 para +3,2% (anos 1980), +2,6% (década de 1990) para +2,48% (2000).

**Tabela 2: Taxa de Crescimento do Produto Interno Bruto Mundial 1971-2010 (em % a.a.)** <sup>6</sup>

<b>1971-1980</b>	+3.8%
<b>1981-1990</b>	+3.2%
<b>1991-2000</b>	+2.6%
<b>2001-2010</b>	+2.48%

Essa tendência torna-se ainda mais óbvia se olharmos para o setor industrial, que é um indicador melhor porque é o núcleo da produção de valor capitalista. Como mostra a Tabela 3, o crescimento industrial diminuiu nos centros imperialistas de uma vantagem de 5-13% na década de 1960 para o declínio industrial nos anos 2000.

**Tabela 3: Taxa de Crescimento da Produção Industrial nos EUA, Japão e UE-15, 1961-2010 (em % a.a.)** <sup>Z</sup>

	USA	Japan	EU-15
<b>1961-1970</b>	+4.9%	+13.5%	+5.2%
<b>1971-1980</b>	+3.0%	+4.1%	+2.3%
<b>1981-1990</b>	+2.2%	+3.9%	+1.7%
<b>1991-2000</b>	+4.1%	+0.2%	+1.6%
<b>2001-2010</b>	-0.3%	-0.4%	-0.3%

A base para esse declínio é o aumento do excesso de acumulação estrutural de capital e a tendência relacionada à queda da taxa de lucro. É cada vez mais difícil para os capitalistas investir seu capital de forma lucrativa para que eles movam cada vez mais de seu capital para a esfera da especulação etc. Como resultado, a taxa de acumulação de capital produtivo está cada vez mais desacelerando. Isso pode ser visto na Tabela 4, que mostra a taxa de crescimento da Formação Bruta de Capital Fixo nas metrópoles imperialistas para os anos de 1961 a 2010. Enquanto a taxa de crescimento do acúmulo de capital nos EUA, o Japão e a UE-15 estavam entre 5% e 15% na década de 1960, diminuiu para 2% e 5% nas décadas seguintes. Nos anos 2000 houve estagnação total ou mesmo declínio (entre +0,3% e -1,9%).

**Tabela 4: Taxa de Crescimento da Formação Bruta de Capital Fixo nos EUA, Japão e UE-15, 1961-2010 (em % a.a.)** 8

	USA	Japan	EU-15
<b>1961-1970</b>	+4.7%	+15.7%	+5.9%
<b>1971-1980</b>	+3.9%	+3.5%	+1.8%
<b>1981-1990</b>	+3.0%	+5.7%	+2.7%
<b>1991-2000</b>	+6.4%	-0.6%	+2.2%
<b>2001-2010</b>	-1.1%	-1.9%	+0.3%

Esse excesso de acúmulo de capital e a diminuição das taxas de lucro resultam em uma proporção crescente da capacidade produtiva industrial que não é utilizada. Isso pode ser visto na Figura 8, que mostra o slide de longo prazo na utilização da capacidade na manufatura na maior economia capitalista, os EUA.

Figura 8 : Utilização da capacidade de fabricação nos EUA (em %) 9

Figure 8: Manufacturing Capacity Utilization in USA (in %) 74



Em comparação com as antigas metrópoles imperialistas, os países capitalistamente atrasados do Sul têm uma taxa relativamente maior de acumulação de capital, como mostra a visão geral da Tabela 5. Trata-se de uma expressão da menor composição orgânica do capital e da maior taxa média de lucros nesses países (e, conseqüentemente, do impulso dos monopólios para exportar capital para eles).

Tabela 5: Acumulação de Capital: Taxas de Crescimento do índice de Capital Fixo, 1960-2000 (em %) 10

Table 5: Capital Accumulation: Growth Rates of Fixed Capital Stock, 1960-2000 (in %, p.a.) 75

	<i>Industrial Countries</i>	<i>Korea</i>	<i>China</i>	<i>India</i>	<i>Brazil</i>
1960s	+5.0%	+8.9%	+1.9%	+4.5%	+5.8%
1970s	+4.2%	+14.6%	+7.2%	+4.1%	+9.6%
1980s	+3.1%	+11.2%	+8.4%	+4.9%	+4.1%
1990s	+3.3%	+9.6%	+10.9%	+6.2%	+2.2%

Explicamos que o imperialismo é o capitalismo parasitário, algo que é contestado pela tradição de Tony Cliffite do SWP/IST. Assim, o falecido líder do SWP/IST Chris Harman criticou a teoria do imperialismo de Lênin com os seguintes argumentos:

*"Lênin foi contundente sobre a tendência na política de Hilferding, descrevendo-o como um 'ex-marxista'. Mas ele assumiu o termo capital financeiro e coloca-o no centro de sua própria teoria. Ao fazê-lo, ele deixou seu próprio trabalho aberto a interpretações ambíguas. Sua intenção era insistir que a tendência ao monopólio significava que as capitais centrais de cada país eram levadas a políticas imperialistas de divisão e redivisão do mundo. Por essa razão, ele criticou uma das definições de Hilferding de "capital financeiro" como "capital controlado pelos bancos e empregado por industriais" como "incompleta":*

*É silencioso sobre um fato extremamente importante: o aumento da concentração de produção e de capital a tal ponto que a concentração leva, e levou, ao monopólio... A concentração de produção; os monopólios decorrentes de; a fusão ou coalescência dos bancos com a indústria – tal é a história da ascensão do capital financeiro e tal é o conteúdo deste termo.*

*Mas a fraseologia de certas outras partes do panfleto permitiu que as pessoas o interpretassem como dizendo, em vez de Hobson e Kautsky, que os interesses financeiros e os bancos eram os principais responsáveis pelo imperialismo. Isso foi especialmente quando, baseando-se em Hobson, ele insistiu no caráter "parasita" do capital financeiro, escrevendo sobre "o extraordinário crescimento de uma classe, ou melhor, de um estrato social de rentistas, ou seja, pessoas que vivem por "cupons de recorte", que não participam de qualquer empreendimento qualquer que seja, cuja profissão é ociosidade. A exportação de capital, uma das bases econômicas mais essenciais do imperialismo, isola ainda mais completamente os locatários da produção, e estabelece o selo do parasitismo em todo o país que vive explorando o trabalho de vários países e colônias no exterior. Esse estresse sobre o "parasitismo" do capital financeiro permitiu que algumas pessoas que supostamente se basearam em seu trabalho alegassem nas décadas após sua morte que era possível formar alianças anti-imperialistas com seções do capital industrial contra o capital financeiro – ou seja, recuar precisamente na política kautsky que Lênin atacou tão amargamente.*

*Também parecia fazer com que toda a teoria do imperialismo dependesse do papel fundamental dos bancos na exportação de capital financeiro. Mas isso não se encaixava com o quadro mesmo quando Lênin estava escrevendo, muito menos nas décadas seguintes. A exportação de finanças – e dos locatários – foi uma característica central do capitalismo britânico nas duas décadas anteriores à escrita de Hobson. Mas a Grã-Bretanha já não "mostrou o futuro" para outros países capitalistas, como na época de Marx. Seus novos concorrentes, como a Alemanha e os EUA, saltaram sobre a Grã-Bretanha quando se tratava da concentração e monopolização da indústria. No caso alemão foram as combinações industriais, especialmente as da indústria pesada, que buscaram expandir-se para além das fronteiras nacionais pelo estabelecimento de colônias e esferas de influência. Além disso, o traço característico das economias dos EUA e da Rússia neste período não foi a exportação de capital, mas a entrada de fundos de outros países capitalistas (embora aqui houve alguma re-exportação de capital). Em uma leitura rigorosa do Imperialismo de Lênin estes parecem não ser estados imperialistas na época da Primeira Guerra Mundial, embora ambos tivessem se juntado ao particionamento do resto do mundo no último quarto de século.*



*Esse foco nos financiadores é ainda mais problemático quando chegamos ao quarto de século depois que Lênin escreveu. A Grã-Bretanha começou a seguir o caminho alemão com a formação de seus próprios grandes quase monopólios industriais (ICI, Unilever, etc.), enquanto era a indústria pesada que desempenhava o papel fundamental na mudança da divisão da Europa nos interesses da Alemanha na década de 1930. E, como Tony Cliff apontou, o imperialismo japonês seguiu uma política de industrialização de partes de suas colônias taiwanesas, coreanas e manchúrias como uma extensão de sua própria economia. No geral Cliff observou: "Enquanto nos anos de 1860 a 1914 a quantidade de capital investido no exterior pelos países capitalistas avançados cresceu quase ininterruptamente, a partir de 1914, quando o imperialismo atingiu a maturidade, a quantidade de capital investido no exterior nunca subiu acima do nível de 1914 e até declinou abaixo dela."*

*Além disso, longe das potências imperialistas se tornarem parasitas desindustrializados vivendo em uma extensão cada vez maior das rendas obtidas da produção em outros lugares do mundo, eles experimentaram a expansão de novas indústrias nos anos entre as guerras, o que aumentou a distância entre eles e a maior parte do mundo. No entanto, eles também permaneceram com a intenção de expansão imperialista, com a Grã-Bretanha e a França agarrando a maior parte do Oriente Médio e as antigas colônias alemãs, o Japão expandindo-se para a China, e a Alemanha, então, começando a esculpir um novo império na Europa.*

*Lênin, apoiando-se excessivamente na interpretação de Hobson sobre a Grã-Bretanha antes de 1900, prejudica seu próprio argumento." 11*

É difícil evitar o riso sobre tal afirmação. Lênin em 1916 foi capaz de ver a *tendência* dos monopólios de mover seu capital da produção para a esfera especulativa – e ele sempre ressaltou que essa é uma tendência (pois é uma tendência que a taxa de lucro caia, o que não significa para qualquer marxista razoável que a taxa de lucro caia permanentemente). No entanto, embora Lênin pudesse reconhecer isso em 1916, os Cliffistas não são capazes de ver este fato muito óbvio mesmo no ano de 2003!

É exatamente por causa das dificuldades crescentes para a realização de taxas de lucro suficientes no setor produtivo que o capital está cada vez mais se movendo para o setor improdutivo e especulativo. Na Figura 9 podemos ver essa tendência na economia dos EUA. Houve uma grande mudança – especialmente desde a década de 1980 – para uma mudança na economia da produção para as finanças especulativas. Este setor especulativo é frequentemente chamado de FIRE (abreviação do inglês para *finanças*=finanças, *insurance*= seguros e *real estate*= imóveis). De acordo com dados oficiais do BEA para a economia dos EUA, este setor denominado FIRE puramente especulativo foi responsável por 21,1% - ou seja, mais de um quinto - do PIB em 2010. 12

Carchedi mostrou em um artigo de trabalho recentemente publicado o aumento em larga escala dos lucros financeiros como uma porcentagem dos lucros totais nos EUA desde a década de 1950. (Ver Figura 9)

**Figura 9 : Lucros Financeiros como Porcentagem dos Lucros Totais, Corporações dos EUA (em %)**

**Figure 9: Financial Profits as a Percentage of Total Profits, US Corporations (in %) <sup>78</sup>**



Se compararmos o peso desse setor especulativo do FIRE com o setor de produção de bens, pode-se ver que a parcela FIRE da renda nacional expandiu de 35% da participação de bens-produção no início da década de 1980 para mais de 65% nos últimos anos. (Ver Figura 10) Os economistas marxistas John Bellamy Foster e Robert W. McChesney, da revista norte-americana *Monthly Review*, observaram corretamente: "Os chamados booms econômicos dos anos 80 e 90 foram impulsionados pelo rápido crescimento da especulação financeira alavancada pelo aumento da dívida, principalmente no setor privado." <sup>14</sup>

**Figura 10: Participação do PIB Indo para o FIRE (Finanças, Seguros e Imóveis) como Porcentagem da Participação das Indústrias Produtoras de Bens Totais nos EUA (em %) <sup>15</sup>**

**Figure 10: Share of GDP Going to FIRE (Finance, Insurance, and Real Estate) as Percent of Total Goods-Producing Industries Share in USA (in %) <sup>79</sup>**

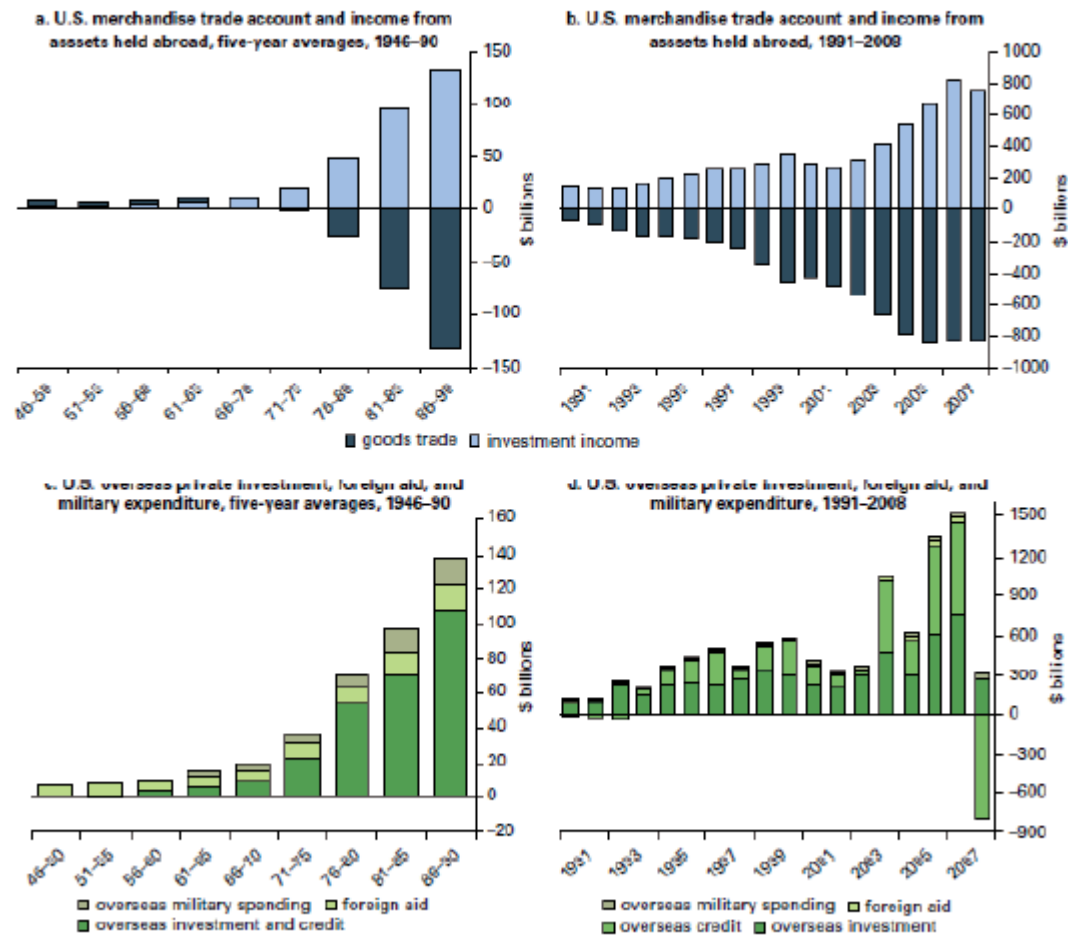


A figura 11 a seguir mostra outro aspecto do caráter parasitário do imperialismo americano. Enquanto os EUA obtiveram enormes lucros com sua exportação de capital para o exterior (ver a "renda dos ativos mantidos no exterior" para os anos de 1946-2008), tornou-se cada vez mais um importador líquido de commodities como mostra o crescente déficit em feiras de mercadorias no mesmo Valor. Em outras palavras, o capital dos EUA investe cada vez menos em investimento produtivo em casa (veja para isso também a Tabela 4 sobre a taxa de crescimento em declínio da formação de capital). Ao mesmo tempo, investe mais capital em outros países onde espera uma taxa de lucro maior. Como resultado, tem de cobrir a necessidade da economia de commodities por um déficit comercial permanente, uma vez que suas próprias capacidades produtivas não podem satisfazer essas necessidades.

**Figura 11 : Balanço de Pagamentos dos EUA, 1946-2008 (em Bilhões de Dólares) 16**

Figure 11: U.S. Balance Of Payments, 1946–2008 (in Billion US-Dollars) <sup>81</sup>

FIGURE 3.6 U.S. balance of payments, 1946–2008



<sup>81</sup> World Bank: Global Development Horizons 2011. Multipolarity: The New Global Economy, p. 137

Nesse contexto de declínio e capitalismo cada vez mais parasitário, os monopólios estão aumentando a exploração da classe trabalhadora e a super-exploração dos países semicoloniais e ao mesmo tempo estão aguçando a rivalidade uns contra os outros.

<sup>1</sup> Veja, por exemplo, Michael Pröbsting: Antes de uma nova retomada econômica? Teses sobre o conceito marxista de ciclo, a relação entre o ciclo atual e o período da globalização e as perspectivas e contradições do desenvolvimento futuro da economia mundial (2010), em: Revolutionär Marxismus 41, fevereiro 2010, <http://www.arbeitermacht.de/rm/rm41/wirtschaftsaufschwung.htm>; Michael Pröbsting: Economia mundial – rumo a uma nova ascensão? (2009), em: Quinto Vol Internacional 3, Nº 3, <http://www.fifthinternational.org/content/world-economy-%E2%80%93-heading-new-upswing>; Michael Pröbsting: Michael Pröbsting: Imperialismo, Globalização e o Declínio do Capitalismo (2009),

em: Marxismo Revolucionário 39, <http://www.arbeitermacht.de/rm/rm39/rm39imperialismus.htm>;  
Michael Pröbsting: Imperialismo e o Declínio do Capitalismo (2008),  
<http://www.fifthinternational.org/content/imperialism-and-decline-capitalism>

2 Guglielmo Carchedi: As políticas keynesianas poderiam acabar com a Queda. Uma Introdução ao Multiplicador Marxista, 6 de julho de 2012, <http://marx2010.weebly.com/could-keynesian-policies-end-the-slump-an-introduction-to-the-marxist-multiplier.html>

3 Andrew Kliman: A Crisis of Capitalism (não neoliberalismo, "capitalismo financeiro", ou baixos salários), 2010, p. 4. Também nos referiremos aqui aos estudos atenciosos de Michael Roberts sobre a taxa de lucro como seu livro "A Grande Recessão". Ciclos de lucro, crise econômica. Uma visão marxista" (2009), bem como vários artigos como "A taxa dos EUA do lucro – o mais recente" (2012), <http://thenextrecession.wordpress.com/2012/11/25/the-us-rate-of-the-profit-the-latest> ou "A taxa de lucro é fundamental" (2012), <http://thenextrecession.wordpress.com/2012/07/26/the-rate-of-profit-is-key> e muitos outros em seu blog <http://thenextrecession.wordpress.com>.

4 Guglielmo Carchedi: Por trás da crise, papel apresentado no Marxismo 2011, Londres, 2 de julho de 2011, p. 9, <http://marx2010.weebly.com/behind-the-crisis1.html>

5 Andrew Kliman: O Fracasso da Produção Capitalista. Causas Subjacentes da Grande Recessão, Londres 2011, p. 130

6 Para os anos 1971-2000 ver Banco Mundial: Perspectiva Econômica Global 2002, p.234; para 2001-2010 ver Nações Unidas: Situação Econômica Mundial e Perspectivas 2008, pp. 1-2 bem como nós World Economic Situation and Prospects 2011, p. 5. Os números entre os anos de 1971-2000 baseiam-se nos cálculos do PIB do Banco Mundial a preços e taxas de câmbio constantes de 1995. Os números de 2001-2010 são baseados nos cálculos da ONU sobre o PIB a preços e taxas de câmbio constantes de 2005. A média aritmética de 2,48% para os anos de 2001-2010 (+1,6%, +1,9%, +2,7%, +4,0%, +3,5%, +4,0%, +3,9%, +1,6%, -2,0% e +3,6%)

7 Comissão Europeia: Anexo Estatístico da Economia Europeia, Primavera de 2012, p. 53. Como não há números para a UE-15 para os anos 1961-70 e 1971-80 nestas estatísticas da UE, utilizamos para estes anos a média aritmética dos números para a Alemanha, França, Grã-Bretanha e Itália.

8 Comissão Europeia: Anexo Estatístico da Economia Europeia, Primavera de 2012, p. 69

9 John Bellamy Foster e Robert W. McChesney: The Endless Crisis (2012), em: Monthly Review, maio de 2012, <http://monthlyreview.org/2012/05/01/the-endless-crisis>

10 Andrew Glyn: Capitalismo Libertado. Finanças, Globalization e Welfare, Nova York 2006, p. 101

11 Chris Harman (SWP): Analisando o Imperialismo (Verão de 2003); in: Socialismo Internacional 2:99, p. 14 <http://pubs.socialistreviewindex.org.uk/isj99/harman.htm>

12 Ron Baiman: Desigual Exchange and the Rentier Economy (2011), Chicago Political Economy Group (CPEG), p. 4

13 Guglielmo Carchedi: Da Crise do Valor Excedente à Crise do Euro, 15 de agosto de 2012, p. 4, <http://marx2010.weebly.com/from-the-crisis-of-surplus-value-to-the-crisis-of-the-euro.html>

14 John Bellamy Foster e Robert W. McChesney: The Endless Crisis (2012), em: Monthly Review, maio de 2012, <http://monthlyreview.org/2012/05/01/the-endless-crisis>

15 John Bellamy Foster e Robert W. McChesney: The Endless Crisis (2012), em: Monthly Review, maio de 2012, <http://monthlyreview.org/2012/05/01/the-endless-crisis>

16 Banco Mundial: Horizontes de Desenvolvimento Global 2011. Multipolaridade: A Nova Economia Global, p. 137